

Notícias de Guimarães

Ano 17.º N.º 833
 GUIMARÃES, 18 de Janeiro de 1948
 Red. e Adm., R. da Rainha, 58-A. Tel. 4913
 Comp. e Imp., Minerva Vimaranesa. Tel. 4177
 Visado pela Censura. Avença

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

Campanha do Bom Senso

Epílogo conciliador no caso da Moagem de Guimarães

Como nos romances de sensação, em que os principais personagens passam por vários transe, umas vezes em feição animadora, outras no mais completo desalento, para acabarem finalmente em beatífica situação e sem que em justiça o autor esqueça a compensação pelo sofrimento passado, também o debatido caso da transferência da Moagem de Guimarães teve o seu epílogo, onde as partes interessadas encontram um espírito conciliador, resolvendo sem prejudicar.

No número passado deste jornal, referimo-nos a uma fór-

mula de solução que tudo arumaría convenientemente. E de facto, no dia seguinte, dava o Sr. Presidente da Câmara de Guimarães audiência aos industriais de panificação do concelho, informando-os do resultado obtido pelas autoridades e entidades locais ao pedirem providências para a mutilação que estava reservada à indústria vimaranense.

E, então, ali foi lido o importante e sensacional despacho do Sr. Sub-Secretário de Estado do Comércio e Indústria, do dia 17 de Dezembro findo, o qual a seguir transcrevemos:

«Tenho a honra de comunicar a V. Ex.ª que, sobre a transferência da fábrica «Moagem do Minho, L.d.ª», de Guimarães, exarei o seguinte despacho:

«O despacho de 5 de Dezembro de 1946, que autorizou a transferência da «Moagem do Minho, L.d.ª», de Guimarães para a Maia, não pode ser revogado, senão por processo contencioso, segundo «Informações» que me foram dadas após o meu regresso da viagem a que procedi com o fim de estudar o assunto. Tal forma de proceder é impossível visto o despacho ser perfeitamente legal, apesar de infeliz sob o ponto de vista político. Com efeito não se olhou ao facto de Guimarães ser uma grande cidade industrial, a que não é indiferente o possuir ou não moagem própria.

Por outro lado, a empresa proprietária da fábrica construiu já importantes instalações em Maia, e tem um direito inegável para lá transferir os maquinismos que ainda estão em Guimarães.

Por estas razões determino o seguinte:

1.º — É autorizada a empresa «Moagem do Minho, L.d.ª» a transferir de Guimarães para a Maia, todos os maquinismos existentes nas suas instalações daquela cidade;

2.º — A firma transferente fica obrigada a fornecer farinha, sementes e demais sub-productos à cidade de Guimarães, nas mesmas quantidades e pelo mesmo preço (sem qualquer acréscimo) que fazia quando a sua fábrica era naquela cidade;

3.º — A firma transferente obriga-se a ter um depósito em Guimarães, no qual terão colocação os seus empregados e operários que não desejem ir para a Maia;

4.º — Se qualquer empresa estabelecer em Guimarães uma moagem, para laboração igual à da que é transferida, fica autorizada a fazê-lo nos termos da Lei;

5.º — A I. G. I. C. A., e demais autoridades verificarão o cumprimento deste despacho;

6.º — Comuniquem-se ao Sr. Governador Civil de Braga, Presidente da Câmara de Guimarães, I. G. A., I. G. I. C. A. e empresa interessada.»

Como se verifica, não andámos longe da verdadeira solução do assunto, mas sim acertámos plenamente. Mas não se julgue que foi profecia nossa, pois não temos o condão de adivinhar. Foi sim o resultado do conhecimento directo da causa, da certeza colhida nas variadas opiniões colhidas junto de quem de direito e nomeadamente do Sr. Ministro da Economia que, como já asseverámos, desde as primeiras consultas sempre manifestou a sua simpatia pela cidade de Guimarães e por tão justa pretensão, não concordando de forma alguma que o povo vimaranense deixasse de ser atendido como merece.

Efectivamente, como resultado dessa disposição, ponto de vista também perfilhado pelo Sr. Sub-Secretário de Estado do Comércio e Indústria, surge o presente despacho que, sem deixar de conferir direitos a quem os adquiriu, não deixa de os manter a quem os tinha já e continua tendo.

E assim, dentro de algum tempo ver-se-á como patente realidade a montagem de uma nova unidade de moagem de trigo, mercê concedida a Guimarães, ficando a cidade compensada pela saída da que até então laborou adentro dos seus muros.

Após a leitura do despacho atrás citado e que o Sr. Presidente da Câmara quis dar a conhecer aos industriais de padaria de todo o concelho an-

tes de o tornar público, seguiu-se uma reunião sumariada de todos os interessados e ali mesmo se formou a Empresa que virá a tomar sobre si o encargo de estabelecer uma moagem, como prevê o artigo 4.º do despacho.

O Sr. Presidente teve palavras de louvor por tão decidido empreendimento e prometendo informar o Sr. Ministro da Economia de tão prestigiosa resolução garantiu o apoio das autoridades locais à nova Empresa, para maior facilidade da iniciação e conclusão da nova unidade fabril.

Está Guimarães de parabéns. O esforço das autoridades locais e do distrito e de todas as entidades competentes não foi em vão, pois teve força para fazer ouvir a voz da razão e o clamor de justiça.

Igualmente estão de parabéns os Srs. industriais de padaria de todo o concelho que acorreram prontamente ao toque de um assunto de magno interesse para o concelho e também para a sua indústria e num ápice se deram as mãos para que unidas as forças apareça um bloco sólido, capaz de suportar o maior peso, mesmo que seja uma empresa onerosa como é a da criação de uma fábrica de moagem.

Eis o epílogo de uma campanha rude, canserosa e por

A Paroquial de S. Torcato MONUMENTO NACIONAL

Ao ventilarmos este assunto, uma verdade sobressai, digna de registo. É que a Paroquial de S. Torcato é um dos mais antigos templos da Lusitânia.

Disséramos no número transacto que a data da sua fundação remonta ao século IX, indo mesmo o Rev. Domingos da Soledade Sillos a fixá-la (cremos que com sólidos argumentos e irrefutáveis dados históricos) com mais precisão, ou antes com absoluta precisão, no ano de 887.

O Dr. Manuel Monteiro, bem como o Rev. P.º Arlindo Cunha, abalizado professor no Seminário Conciliar de Braga, asseveraram que a Matriz de S. Torcato fôra construída no século nono, mas não precisam a data com exactidão.

Parece sustentável que Fernando Magno, o Imperador, fez doação do Convento a Madona em 1049 e o nosso pri-

meiro Rei o doou aos cônegos Regrantes de Santo Agostinho, em 20 de Abril de 1173.

(Seguimos, neste ponto, a par e passo o maior panegirista do Metropolita Torcato, profundo investigador e erudito).

A Igreja foi sagrada em 1132 por D. Pelágio, glorioso antistite da Diocese Bracarense.

Conserva ainda as cruzes da sagração — duas a meio das paredes laterais da capela-mor e outras duas à entrada do pórtico principal.

Juliano diz-nos que as paredes da Igreja Velha estavam revestidas de preciosas relíquias, sendo da mesma opinião o erudito Padre Carvalho, na «Corografia», tomo 1.º, pgs. 29:

«No arquivo da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, da Vila de Guimarães, encontrou Nicolau Dias de Matos um pergaminho que mal se podia ler, mas que dizia estarem nas paredes de S. Torcato muitas relíquias; e na companhia do mestre-escola Domingos Pinto de Araújo e do Cônego Miguel de Freitas da Cunha foram àquela freguesia de S. Torcato, aos 17 de Novembro de 1685, com o proto-notário apostólico, P.º Paulo Gomes, com o notário do Santo-Ofício, tudo com licença do Arcebispo Primaz, D. Luís de Sousa; muitas e mui venerandas relíquias apareceram no Altar-Mor, as quais vieram para a Colegiada de Guimarães.»

Passados muitos anos o Convento de S. Torcato passou para o domínio dos Piores Seculares e, no século quinze, talvez no ano de 1475, o Arcebispo de Braga fez doação dele à Colegiada.

Primitiva ou quase primitiva deve ser a casa situada ao lado direito do adro, fazendo ângulo com a calçada que dá acesso à estrada e ao actual Mosteiro.

A dita casa, pelo seu traçado primitivo, mixto de brasonada, creio ter feito parte do Convento duplex de Beneditinos, segundo alguns.

Encontra-se a Matriz desta localidade em bom estado de conservação, graças ao zelo e persistente actividade do digno P.º Henrique Gonçalves, verdadeiro divulgador e Guia espiritual que conserva, como legado honroso, os pergaminhos tradicionais desta terra — propagando, alardeando, preconizando que a sua Igreja merece bem as honras de monumento nacional.

Sendo, enfim, a Paroquial de S. Torcato um dos monumentos mais antigos de Portugal, urge que a Diocese de Braga interfira junto do Governo para que tão vetusto e remoto Templo seja considerado monumento nacional, a que aliás tem pleno jus.

S. Torcato, 12-1-1948.
 Prof. Joaquim Martins Lima.

Estamos no termo do epílogo desta campanha intensa, que tanto interesse despertou. Sentimo-nos satisfeitos pela posição que tomamos no assunto e que está perfeitamente enquadrada na feição bairrista deste jornal.

E já que abrimos este arrazoado falando em romances, rematamo-lo com o mesmo figurado, fazendo votos para que a palavra FIM seja publicada por nós, paralelamente à notícia da inauguração da nova fábrica de moagem...

Boas-Festas

O nosso ilustre camarada Sr. J. A. Correia Varela, da Voz de Portugal, do Rio de Janeiro, que há pouco ainda regressou àquele país, teve a amabilidade de endereçar-nos

Aguas passadas...

Onde se fala de uma conferência e de certo encontro à beira-mar

Na estrada do tempo, um carro de anos já passou. Era eu moço. Acamaradado andava aos caixeiros, desde os fundamentos da sua Associação, em 1900. Lá dentro fazia-se clubismo. Como primícias de vida intelectual, alvorecia uma biblioteca. Na letra dos estatutos falava-se em conferências e palestras. Era mister começar.

Fui, com outros, bater ao escritório de um advogado da terra. O novel elemento do foro vimaranense prometeu-nos realizar uma conferência na Associação dos Caixeiros. E a promessa foi satisfeita, em certo domingo, à noite.

A sede da Associação era ali na casa que, mais tarde, foi residência do sábio agrónomo e publicista, Dr. João Coelho da Mota Prego. Antes da hora marcada, o salão e salas contiguas onde a conferência ia ter lugar, regorgitavam de concorrência. Só caixeiros? Não. Havia ali de tudo. Titulares, comerciantes, médicos, advogados, oficiais do exército, capitalistas, eclesiásticos...

... todos atraídos pela palavra fluente do orador. O conferente entra no salão, surpresa. Ele mesmo, ao iniciar da sua oração, confessava à assembleia — que julgava vir falar a caixeiros.

Finda a conferência, os convidados dirigiram-se para outra sala, onde foi servido um Porto de Honra — copo de água — como então se dizia. Fizeram-se brindes. Houve uma hora de sociabilidade entre os magnates mores da terra.

O Aniversário do «Notícias»

A passagem do 16.º Aniversário do «Notícias de Guimarães» deu motivo a que recebêssemos de muitos dos nossos colaboradores e assinantes, assim como de algumas Colectividades, — amigos dedicados e de todas as horas — muitos telegramas e cartas e visitas de cumprimentos que deveras nos sensibilizaram, tendo-as registado com o mais vivo reconhecimento.

Também se referiram amavelmente àquele acontecimento que ocorreu no passado domingo, diversos colegas, entre os quais o nosso prezado colega local «Comércio de Guimarães». A todos, com os protestos do nosso muito apreço, queremos manifestar a nossa gratidão.

Os seus cumprimentos de boas-festas, saudações essas que muito agradecemos, retribuindo os votos de um feliz Ano Novo.

ra e a Associação dos Caixeiros. Um sucesso! Passando por mim os *astros-reis* do caixeiro local, Francisco Martins, Rodrigues Loureiro, Henrique dos Santos, Laranjeiro dos Reis, e outros, deles ouvia o aplauso pelo cometimento daquela iniciativa — a primeira conferência na Associação dos Caixeiros. Importava, já agora, prosseguir, pondo os rapazes das lides do balcão em contacto com a vida intelectual e mais com as gentes representativas do meio vimaranense.

Fogueira de entusiasmo que se apagava. Aqueles que tinham em suas mãos o senhorio da classe, dando mais um passo, sumiam-se no patronato. E as tardes dominicais, quando o sol convidava, passavam-se melhor nas passeatas ruidosas. Não admira. Escasas como eram as horas de folga dominical, a mocidade precisava, mais que tudo, de vida ao ar livre. Pensar em conferências, aqueles que, só aos domingos de tarde, saíam à rua, libertos do balcão, era um luxo intelectual!

Passam os anos. Um carro de anos, passantes. Topo um dia, no litoral poveiro, o conferente daquela noite propiciadora na Associação dos Caixeiros. Era ele! Dirijo-lhe os meus cumprimentos, dando-me a conhecer. Para isso, recorde a minha ida ao seu escritório, na rua de Mata-Diabos. Lembro a sua linha de elegância; o seu fulgor de expressão; a sua esbelta mocidade.

E ele, interrompendo-me, melancólico:
 — Ah! Não me fale no que fui!... O que hoje sou!... Um farrapo!...

Paulo de Mantegaza faz o «Elogio da Velhice». É um livro precioso. Vale um tónico de saúde. São palavras... generosas. O novel advogado Dr. Gaspar de Abreu Lima, agora amaranhado pelos anos da velhice, certamente o teria lido. Ao despedirmo-nos, nenhum de nós pensou na prosa aliciante do médico italiano. Bastou-nos o espectáculo do mar, em nossa frente. No fluxo e refluxo das suas marés, tínhamos encontrado o grande panorama da vida que passa. Cada um seguindo para sua banda, podia conversar com as águas do mar salgado, aprendendo no seu eterno movimento, ora calmo, ora agitado, ora tempestuoso, a viril lição que mais nos cumpre seguir.

Porto. A. L. de Carvalho.

Beneficência do «Notícias»

Para os nossos pobres recebemos:
 Alfredo Barbosa da Silva Melo Júnior, de Gómeos . . . 20\$00
 A. C. . . . 20\$00
 Dr. Fernando Aires . . . 30\$00
 Jerónimo de Almeida . . . 20\$00

A transportar . . . 90\$00
 Os nossos melhores agradecimentos em nome das pessoas que contemplamos.

CONTRASTES!... O seu a seu dono! FUTEBOL

Aniversário do «Notícias»

Foi no passado dia onze que o «Notícias de Guimarães» completou mais um ano de existência após o seu aparecimento à luz da publicidade, no dia 11 de Janeiro do ano de 1932. São, portanto, decorridos dezasseis anos, período de tempo durante o qual não têm sido descurados os principais assuntos referentes aos interesses mais importantes da cidade e concelho de Guimarães.

Orientado nesse sentido e cumprindo, assim, um dever que todo o bom vimaranense não deixa de satisfazer, o «Notícias de Guimarães» tem contribuído, tanto quanto possível, para o prestígio da sua espinhosa missão, embora nem sempre bem compreendida com justiça e com isenção sobretudo quando a sua vida ainda era muito infantil. Porém, a tranquilidade de consciência de quem o dirigia e continua a dirigir não desfaleceu perante as dificuldades e os dissabores que surgiram no caminho traçado, e verificou-se, então, que a sua única divisa era a de pugnar, com firmeza e com criteriosa visão, pelo engrandecimento ou prosperidade do Património Vimaranense dentro do devido respeito pelos sagrados deveres cívicos. Subordinado a essa única preocupação, a sua acção tem merecido os louvores e os aplausos de todas as pessoas para as quais o espírito de justa compreensão representa uma qualidade do maior aprego. E nós, que pertencemos ao número das pessoas que pensam dessa forma, não poderíamos deixar de registar nesta secção o facto de o «Notícias» ter vencido mais um ano de luta leal e persistente em prol da sua terra, não obstante a pequena Imprensa viver em condições desanimadoras e difíceis. E porque assim é, quer a acção do referido jornal, quer a de outros cuja existência se arrasta em idênticas condições, torna-se mais apreciada e, por isso, mais digna de viver menos atribuladamente para bem das próprias populações, que à custa dela fazem mexer a alavanca do progresso. Auxiliar, pois, a pequena Imprensa é fomentar o factor económico de muitos povos. Oxalá que esse auxílio lhe seja dado e que, com ele, a vida futura do «Notícias de Guimarães» seja estimulada pelo perfume de rosas sem espinhos. São esses os nossos desejos e a eles juntamos os nossos cumprimentos de felicitações ao digno Director, Sr. Antonino Dias, por ter a satisfação de ver a sua dedicação, o seu esforço e o seu sacrifício compensados com a glória de lutar e vencer. Por isso, fazemos votos para que a vida do «Notícias» seja longa e sempre em prol de Guimarães!

No meu Cantinho

Segunda-feira, dia 12. Três semanas de descanso. De quando em quando, o descanso é doce. Há quinze dias *O Gaiato* bem me clamou que o lembrasse. Mas a preguiça não cedeu. Ontem, novo clamor d'*O Gaiato*. Não resisto e grito da minha parte: Como é que o «Pai Américo» arranja vagar para escrever tanto e tão bem?

O fundo do *Correio do Minho* de ontem sobre a recente Homenagem a Salazar denunciava uma pena de alto jeito e de bom aparo.

Os dois Diários bragueses faziam também ontem a crítica da Orquestra Colonne. O arrazoado do *Correio* prendeu-me enlevadamente. O do *Diário* completou o meu gozar. E é caso curioso e chega a ser paradoxo: sendo eu um analfabeto musical, aprecio encantado as críticas dos Competentes. Quem me dera saber musical!

Mais uma vergonha

Para não falarmos somente da vergonha da corroça do correio, apresentamos hoje uma outra, que é, como aquela, indigna de uma terra como esta. Trata-se dos carros funerários que transportam os cadáveres

Agradecimento

A viúva do saudoso JOSÉ FERNANDES GUIMARÃES julga ter apertado a todas as pessoas amigas que lhe apresentaram condolências e a honraram com a sua presença nos funerais do extinto. Não pôde ter o remédio, embora involuntariamente, alguma falta; vem por esta forma pará-la, a todos testemunhando a sua indelével gratidão.

Guimarães, 15 de Janeiro de 1948.

para o cemitério e os quais, como alguém dizia, há dias, representam uma afronta ao respeito que todos devemos ter pelos Mortos. Por agora, limitamo-nos a estes breves comentários. A *metralha* mais forte e mais contundente fica no *arsenal* da nossa expectativa, aguardando melhor oportunidade de ser aproveitada em benefício da substituição desses carros fantasmas e irrisórios! Doa a quem doer, a verdade acima de tudo.

Água que desapareceu

O quintal anexo às Escolas Centrais, desta Cidade, cujo rendimento reverte em benefício da Cantina Escolar Vimaranense, que luta com tremenda falta de recursos para prestar assistência aos alunos mais pobres, não tem tido nos últimos anos a água privativa do mesmo. Ora, se se trata de um facto que afecta a produção do referido quintal e, portanto, que prejudica a assistência de que carecem algumas centenas de alunos pobres das mesmas Escolas, para ele chamamos a atenção de quem de direito. Por outro lado, aquela água, bastante abundante, também pode ser destinada a serviços de higiene e limpeza dos respectivos edifícios escolares, razão por que a sua falta representa duplo prejuízo. É natural que a fuga seja devida ao mau estado da canalização e, se assim for, ninguém terá de fazer exame de consciência.

...

No meu Cantinho

Segunda-feira, dia 12. Três semanas de descanso. De quando em quando, o descanso é doce. Há quinze dias *O Gaiato* bem me clamou que o lembrasse. Mas a preguiça não cedeu. Ontem, novo clamor d'*O Gaiato*. Não resisto e grito da minha parte: Como é que o «Pai Américo» arranja vagar para escrever tanto e tão bem?

O fundo do *Correio do Minho* de ontem sobre a recente Homenagem a Salazar denunciava uma pena de alto jeito e de bom aparo.

Os dois Diários bragueses faziam também ontem a crítica da Orquestra Colonne. O arrazoado do *Correio* prendeu-me enlevadamente. O do *Diário* completou o meu gozar. E é caso curioso e chega a ser paradoxo: sendo eu um analfabeto musical, aprecio encantado as críticas dos Competentes. Quem me dera saber musical!

Mais uma vergonha

Para não falarmos somente da vergonha da corroça do correio, apresentamos hoje uma outra, que é, como aquela, indigna de uma terra como esta. Trata-se dos carros funerários que transportam os cadáveres

Agradecimento

A viúva do saudoso JOSÉ FERNANDES GUIMARÃES julga ter apertado a todas as pessoas amigas que lhe apresentaram condolências e a honraram com a sua presença nos funerais do extinto. Não pôde ter o remédio, embora involuntariamente, alguma falta; vem por esta forma pará-la, a todos testemunhando a sua indelével gratidão.

Guimarães, 15 de Janeiro de 1948.

Não sei, nem me importa, como o público apreciou as palavras de Monsenhor Domingos Gonçalves, proferidas no acto de posse da nova C. A. das Oficinas de S. José, no tocante à obra realizada naquelas Oficinas pelo Sr. Comendador Alberto Pimenta Machado, palavras aliás publicadas no «Notícias de Guimarães», de 4 do corrente.

Eu gostei do que Sua Rev.^{ma} disse, por ser a expressão da verdade, e outrossim de que o dissesse, porque toda a gente sabe que Mons. D. G. não é capaz de dizer uma coisa e sentir outra.

A doleza nunca pediu guarda à sua alma, límpida e sem reflexos, e, por isso, nem sequer ousou passar perto dele.

Pelas palavras de Monsenhor D. G. ficou-se a saber que: «O Comendador A. P. M., em anos sucessivos, além das suas dádivas, constantes e avultadas, às Oficinas, nelas instalou a nova escola de tecelagem, com teares e matérias primas, inteiramente à sua custa, revertendo as manufacturas para o vestuário dos internados; a ele se devem os mimos e regalias, que usufruíam os seus internados, nas principais festas do ano, mormente no mês da Colónia Balnear, a expensas suas quase inteiramente realizada, a ele, a moagem gratuita, durante estes anos, de vinte alqueires de cereal, em cada semana, para alimentação do seu numeroso pessoal.» Etc., etc.

Gostei, repito, de que isto se dissesse, porque a justiça e a verdade o exigiam.

Mas a justiça reclama mais neste momento. Ela reclama também que, além do Dig.^{mo} Director das Oficinas de S. José, que já falou, outros (e eu sei que muitos são) digam publicamente as benemerências do Comendador A. P. M., passadas pelas suas mãos para as casas dos pobrezinhos, principalmente das nossas aldeias. Se os pobres das várias aldeias, a quem o Comendador A. P. M. mandou distribuir agasalhos, desfilassem pelas ruas da cidade de Guimarães, constituiriam notável multidão para confundir os que maldizem a sua obra de larga caridade, e demonstrariam, à saciedade, que ele não dava para satisfação da sua vaidade. Vaidade?!...

Como podia dar por vaidade, ele que dava tanto e tanto aos pobres das freguesias rurais, onde não havia prelos, que gemessem, a publicar as suas benemerências?...

Apareçam vaidosos como o Comendador A. P. M., dando aos pobres, na proporção das suas posses, o que ele tem dado, e eu bendirei a sua vaidade.

.....
Mais vale andar no mar alto
Do que nas bocas do mundo!

Afinal, é sempre assim: Os que têm maus olhos vêem as coisas...

Não desgosto do ansiado Vocabulário. Do Tratado de Ortografia, do ilustre Técnico nosso, é que não gosto.

Treze páginas de erratas! E miudotas e largas! São um pavor! Noventa escudos foi o custo dele! A bolsa chora-os sempre e sem remédio!

.....

Ontem o *Correio* braguês fez-me cismar com o seu lindo fundo — *Cidade sem estátuas*. Cismi também com não atingir facilmente a sua paragona salazarista. Sua, do *Correio*.

A revisão cuidada é o meu deleite!

coisas pelos vidros das suas conveniências, e, por isso, as acções alheias, embora essencialmente brancas como leite, não de afirmar que são rubras ou verdes, azuis ou negras, conforme a cor dos vidros, de que usarem.

Que o mundo ralhe de quem é *sovina*, vá! Que ralhe de quem pratica a caridade, como se a não praticasse, não e não!!

E não concordo com tais censuras, porque S. Ex.^o o Sr. Comendador A. P. M. enviou, sem que eu lho pedisse, em anos sucessivos, para serem distribuídos aos pobrezinhos das minhas freguesias de S. Romão e Aldão, duas dúzias de cobertores.

É preciso que isto se saiba, porque o Divino Mestre declarou:

«...Que vejam as vossas obras boas e glorifiquem o vosso Pai, que está nos Céus!»

O seu a seu dono!

J. O. da Penha.

FARPAS

... E o bom AMIGO morreu! Foi a morte quem venceu Uma luta longa e dura! Nesse inesquecido dia Fui levá-lo à Atouguia... Ver a sua sepultura.

Ouvi senti as pancadas — Repetidas, apressadas — Da pá, cruel e coveira! E o ZÉ RORTZ baixou A' cova que o guardou! Aventura... traiçoeira!

Ouvi soluços de dor E vi lágrimas de amor Em olhos tristes, saudosos! Lábios tréquilos, com medo De dizerem o segredo Dos momentos dolorosos!

Mandado pelo coração Reparei na ingratidão Dos homens e, absorto, Notei que MUITOS cumpriram, Outros... a nada assistiram. Já não precisam do morto!

Que grande lição a vida Nesta cena inesquecida Nos dá do Bem e do Mal! O que eu pensei num instante D'aquela «Pisco» emigrante Do Abade de Baçal!

Que pena quando fecharem Para sempre e não brilharem Estes meus olhos lúzeiros... Queria ver os ingratos Que hoje dizem... ser gratos, Amigos bons, verdadeiros!...

Darmoa.

FEIRA E ROMARIA DE SANTO AMARO

Na forma dos demais anos e com alguma concorrência de pessoas realizou-se, na quinta-feira, em S. Vicente de Mascoteles, a poucos quilómetros desta cidade, a tradicional Feira de Gado Bovino, denominada de Santo Amaro, a primeira feira do ano em que se efectuaram poucas transacções devido talvez ao mau tempo.

Hoje e no mesmo local realiza-se a tradicional Romaria, que também costuma ser muito concorrida.

O local esteve policiado, não nos constando que tenha havido desastres ou desordens com consequências de maior.

VIAJANTE

Oferece-se, à comissão, linhas Oeste e Norte, com 27 anos de viagem, com clientela de 1.^a ordem, dedicada, em retalhistas e armazéns desta zona. Tenho carro. Resposta urgente a «Viajante» — Pensão S. Bento — Porto. 752

Desafio PORTO-GUIMARÃES

Pede-se à pessoa que tomou conta de um sobretudo no Campo da Amorosa, o favor de o entregar na Cervejaria Mourão ou telefonar para o Porto para o telefone n.º 23728.

Num jogo em que os vimaranenses não tiveram sorte nenhuma, o F. C. do Porto venceu o Vitória por 3-0

Aquela bola que a um minuto do fim da primeira parte entrou nas redes do Vitória, metida pelo seu médio José Maria, em lance escusado mas também infeliz, foi o ponto de partida para uma derrota imerecida e injusta e que nada, até então, fazia prever. Na verdade, depois da grande dose de infelicidade que vinha acompanhando a equipe desde o começo do jogo, a marcação daquele tento foi um rude golpe desferido no alevantado espírito combativo que os vimaranenses vinham demonstrando. No tempo que antecedeu este golo, os vitorianos comandaram abertamente técnica e territorialmente, enleando com frequência o adversário, que ficou devendo à decidida e fulgurante acção da sua defesa e ainda à pouca eficiência de remate dos dianteiros locais a integridade das suas redes, vezes sem conta seriamente ameaçadas. De facto, os dianteiros locais atiraram muitas vezes às redes de Barrigana, mas só uma ou outra o fizeram com convicção, perdendo-se muitas bolas por má pontaria, não passando outras de inofensivos arremessos... Se têm tido mais decisão e talento para desorganizar o sistema defensivo do adversário — brilhante em todo o sentido — por certo teriam conquistado margem de pontos nesta primeira metade que lhes garantisse um triunfo que por ninguém poderia ser contestado.

Assim, o triunfo foi para o adversário que, merecendo-o menos, teve por si a boa fortuna a defender-se e aproveitar bem as oportunidades que se lhe depararam para bater Machado.

Começada que foi a segunda parte, os vimaranenses ainda tentaram fazer o «volte face» do resultado, mas decididamente tinham de perder. O segundo ponto do Porto, que também surgiu contra a corrente do jogo, tirou-lhes as ilusões, e a equipe entrou num período de desalento, durante o qual o ataque do Porto conseguiu novo tento e pôde fazer-se notar pela movimentação que desenvolveu. Mas no último quarto de hora os vimaranenses voltaram à carga, dominando novamente, mas sem, contudo, conseguirem bater Barrigana, que tudo defendeu com segurança e brilho.

Marcaram os tentos do Porto: José Maria, aos 44 minutos, ao interceptar um passe feito ao seu guarda-redes; Sanfiins, aos 64 minutos e Araújo quatro minutos depois.

Temos de confessar que os vimaranenses lutaram esforçadamente, tentando vencer a adversidade que os perseguiu, e que por isso louvores merecem todos. Mas não podemos deixar também de afirmar que a actual formação da equipe não satisfaz. Não sabemos porquê, teima-se em colocar Curado no posto de defeso-direito, quando está mais que demonstrado que o seu lugar, pelas características de jogador que possui, é ao meio do terreno. Por outro lado insiste-se em incluir na equipe elementos de que já pouco ou nada se pode esperar, cansados pela idade, enquanto os novos ficam na bancada a ver... e a envelhecer. Como isto que apontamos não pode ser contestado por ninguém de boa fé e que seja verdadeiramente amigo do Vitória, eis-nos a proclamar a necessidade de se arripar caminho, em antes que a classificação da equipe se comprometa de forma irremediável.

Os grupos:

Porto — Barrigana, Alfredo, e Guilhar; Joaquim, Carriço e Carvalho; Sanfiins, Araújo, Correia Dias, Gastão e Ferreira.

Vitória — Machado, Curado e Costa; Luciano, Garcia e José Maria; Franclim, Miguel, Briosso, Alcino e Teixeira.

O trabalho de arbitragem de Carlos Canuto teve a autoridade que se esperava. Mas achamos demasiado rigorismo na grande penalidade aplicada ao Vitória, pois Costa quando meteu o antebraço à bola fê-lo instintivamente e sem necessidade de a tal recorrer, pois Machado estava atento e à vontade.

Não houve, pois, intenção, nem do lance resultava perigo iminente para as redes do Vitória.

Mas Araújo, em compensação, mandou, com arrelia sua e dos companheiros, o esférico à trave...

J. G. F.

Campeonato de Júniores

Hoje, às 10 e às 11 horas, jogam, no Campo da Amorosa, a contar para o Campeonato Regional de Júniores, o Vitória A-Vianense e o Vitória B-Sporting de Braga A, respectivamente.

Treinador

Artur Baeta

Com a devida vénia transcrevemos do nosso prezado colega de Portalegre, «A Rebeca», do pretérito dia 7:

«A quando dos ligeiros estágios que o simpático Vitória de Guimarães fez entre nós, antes e depois de jogar em Elvas, o considerado e correcto treinador da equipa minhota, Artur Baeta, nosso amigo desde a sua passagem pelo Sporting da Covilhã e da nossa estada na presidência do saudoso Sport Lisboa e Elvas, foi vítima de uma cilada menos escrupulosa por parte de um meliante que já está felizmente entregue à alçada da justiça, a bem do decoro cittadino e do prestígio dos portalegrenses amigos de Artur Baeta.

Devem mesmo os desportistas íntegros da cidade e em especial os que, como nós, nutrem pelo carácter e apuro moral do reputado técnico nacional da bola, operar um movimento de solidariedade e aprego que rehabilite Artur Baeta e leve a própria Justiça a fazer justiça. Daqui o saudamos, desde já e desde já nos pomos ao seu inteiro dispor, para quanto lhe seja necessário e no sentido de conduzir toda a gente a manifestar-lhe o testemunho da máxima consideração, aliás ganha e bem ganha em todas as outras terras por onde tem andado, quer no exercício da sua vida profissional, quer no desempenho da sua competente missão de treinador de futebol, aceite e respeitado em vários grandes centros desportivos do País.

a) Américo Paiva.»

Fourgonet

VENDE-SE, marca «Renault», com 8.000 quilómetros, pintura nova e com a carga de 300 kg. de livrete. Nesta redacção se informa. 724

EDITAL

A Mesa da Santa Casa da Misericórdia e Hospital de São Marcos de Braga, devidamente autorizada, no dia 8 de Fevereiro próximo, por 11 horas, na Secretaria da Santa Casa, sita no Largo Engenheiro Carlos Amarante, desta cidade, vende por licitação verbal, os seguintes prédios:

No Concelho de Guimarães

Uma propriedade sita na freguesia de São Tiago de Candoso, concelho de Guimarães, composta do seguinte:

Assento da Quinta denominada do Pedral, situada na freguesia de São Tiago de Candoso, e que consta de casas sobradadas, e térreas, cortes, lagar, eidos, alpendre e eira, casas térreas com hortas, casa nova com lagar, leira de Trás das Cortes e Olival, leira da Figueira, leira da Cerdeira, três leiras abaixo da Cerdeira, Campo do Pocinho, sortes de mato e pinhal, tudo junto, descrito na Conservatória Predial da Comarca de Guimarães sob o n.º 7.766.

Prédio rústico situado na dita freguesia, e que consta de de Campo de Baixo da Estrada, leira da Terra Nova, Campo das Chãos, Campo do Ribeiro, e leiras, leira do Lameiro Chã e sortes de mato, tudo junto, descrito na Conservatória Predial da Comarca de Guimarães sob o n.º 7.767.

Sorte de mato denominada do Monte, na dita freguesia, descrita na Conservatória Predial da Comarca de Guimarães sob o n.º 7.768.

Assento da Quinta denominada do Bem da Velha, sita na dita freguesia, e que consta de casas sobradadas com escada de pedra, lojas, lagar e cozinha térrea, casas sobradadas e quintais, casas sobradadas e térreas, corte, eidos, alpendre, eira, portal de pedra, Campo da Eira, Campo do Garém e roço contíguo, Campo do Lameiro da Fonte da Chã, Campo do Loureiro ou Nogueiras, Campo Grande ou Linhares, Campo Cávado e três leiras contíguas, e o Pevidal ou Codeçal, tudo junto e circuito de parede, descrito na Conservatória Predial da Comarca de Guimarães sob o n.º 7.769.

Campo do Olival de Cima da Estrada, da Bouça Grande e mata, e das sortes dos Caleiros ou Cales e de diversas leiras, tudo junto, na dita freguesia, descrito na Conservatória Predial da Comarca de Guimarães sob o n.º 7.770.

Deveza de Santo Amaro, terra inculca, na freguesia dita, descrita na Conservatória Predial da Comarca de Guimarães sob o n.º 7.771.

Três casas térreas com hortas, no lugar de Santo Amaro, na freguesia dita, descritas na Conservatória Predial da Comarca de Guimarães sob o n.º 7.772.

Uma deveza e terras contíguas ao Pé do Pevidal, na freguesia dita, descrita na Conservatória Predial da Comarca de Guimarães sob o n.º 7.773.

Assento da Quinta do Vilar, na freguesia dita, que consta de casas sobradadas, lagar, cortes, eido, alpendre e eira, Campo da Vessada, Campo da Eira do Meio, Campo da Eira de Cima, Leira de Cima e Lameiro, Leira Comprida ou da Cerdeira, as hortas junto às casas e um roço junto à entrada do eido, tudo junto, descrito na Conservatória Predial da Comarca de Guimarães sob o n.º 7.774.

Propriedade do Babelo, pertença da Quinta do Vilar, na freguesia dita, que consta de casas térreas, hortas, campo da Bouça e Pinhal, descritas na Conservatória Predial da Comarca de Guimarães sob o n.º 7.775.

Leira do Souto ou Redondo, bouça da Vinha Nova, Leira da Vinha Nova de Cima ou da Veiga, Leira da Vinha Nova de Baixo ou da Veiga, Campo da Maneira do Talho e Campo da Lameira, tudo junto, descrito na Conservatória Predial da Comarca de Guimarães sob o n.º 7.776.

Bouça de Serzedelo, na freguesia dita, descrita na Conservatória Predial da Comarca de Guimarães sob o n.º 7.777.

Sorte do Monte das Cruzes, na freguesia dita, descrita na Conservatória Predial da Comarca de Guimarães sob o n.º 7.778.

Sorte do Monte das Cruzes, na freguesia dita, descrita na Conservatória Predial da Comarca de Guimarães sob o n.º 7.779.

Casal de Santo Amaro, na freguesia dita, que se compõe de casas de um andar e térreas, cortes, lagar, eido, alpendre, eira, um olival, horta ao pé da Eira, Campo de Cima e sorte contígua, Campo da Chã e leira contígua, tudo junto, descrito na Conservatória Predial da Comarca de Guimarães sob o n.º 7.780.

Bouça Grande do Monte, na freguesia dita, descrita na Conservatória Predial da Comarca de Guimarães sob o n.º 7.781.

Campo do Talho, na freguesia dita, descrito na Conservatória Predial da Comarca de Guimarães sob o n.º 7.782.

Leira de Cima e Redondo, na freguesia dita, descrita na Conservatória Predial da Comarca de Guimarães sob o n.º 7.783.

Propriedade das Veigas de Santo Amaro de Fora, na freguesia dita, composta de três campos de terra de cultura e de terreno de mato, descrita na Conservatória Predial da Comarca de Guimarães sob o n.º 7.784.

Estes prédios estão inscritos na matriz predial da mencionada freguesia de Candoso sob os seguintes artigos: Da Matriz Urbana: 129-31-32-33-38-54-55-56 e 58. Da Matriz Rústica: 225-a-232-244-a-270-274-a-295-299-a-310-321-322-327-a-338-344-349-353-355-371-373-377-378.

CONDIÇÕES DE VENDA:

A Mesa reserva o direito de não adjudicar qualquer dos prédios, caso não convenha o maior preço oferecido, preços que serão apreciados em sessão extraordinária a realizar nesse dia logo a seguir à licitação.

Finda a sessão e aceites os preços oferecidos, será logo comunicado aos interessados presentes, o resultado, adjudicando-se aos arrematantes os prédios, mediante o depósito de 10 % do preço da arrematação a fazer no próprio acto.

Esta adjudicação, que ficará exarada em acta, vale como contrato de promessa de compra e venda, em relação a cada prédio, e como sinal e princípio de pagamento é considerado o depósito de 10 %.

A escritura definitiva será feita na Secretaria Notarial,

Amadeu C. Penafort, Limitada

(Com Sede em Guimarães)

Faz-se público que, por escritura de 15 de Janeiro do ano de 1940, lavrada nesta Secretaria, pelo notário Dr. Francisco Moreira Sampaio, Domingos Pereira Mendes cedeu a Dona Maria da Conceição Sintra Penafort a quota de 10.000\$00 que tinha na sociedade acima mencionada.

Secretaria Notarial de Guimarães, 5 de Janeiro de 1948.

O Ajudante da Secretaria Notarial,

Martinho da Silva.

AMADEU C. PENAFORT, LIMITADA

SEDE EM GUIMARÃES

Faz-se público que por escritura de 31 de Dezembro de 1947, lavrada na Secretaria Notarial de Guimarães, pelo notário Dr. Eduardo Borges Vieira de Mascarenhas, foi reforçado o capital e alterado o pacto social da sociedade por quotas acima referida, de que são sócios Amadeu Constante Penafort e Dona Maria da Conceição Sintra Penafort, ficando aquele referido pacto a ser o seguinte:

1.º

A sociedade por quotas de responsabilidade limitada que gira sob a firma AMADEU C. PENAFORT, LIMITADA, continua a sua existência jurídica, regendo-se, daqui para o futuro, pelas cláusulas dos artigos que se seguem, os quais substituem inteiramente os do pacto até agora em vigor.

2.º

A firma continua a ser a mesma, bem como a sua sede continua a ser na rua Paio Galvão, desta cidade, o seu objecto o exercício do comércio de representações, comissões e consignações com conta própria ou qualquer outro em que de futuro os sócios acordem, excepto o bancário, sendo a sua duração por tempo indeterminado, com começo no dia um de Março do ano de mil novecentos vinte e cinco, contando-se desde a data desta escritura os efeitos da presente modificação.

3.º

O capital social é da quantia de trezentos mil escudos integralmente realizado em dinheiro e corresponde à soma das duas quotas unificadas do sócio Amadeu Constante Penafort e da quota da sócia Dona Maria da Conceição Sintra Penafort, acrescidas do aumento de cento e oitenta mil escudos por parte daquele e de noventa mil escudos por parte desta, quantias estas obtidas por transferência de contas, sendo, assim, a quota do sócio Amadeu da quantia de duzentos mil escudos e a quota da sócia Dona Maria da quantia de cem mil escudos.

4.º

Não serão exigidas prestações suplementares, mas qualquer dos sócios poderá fazer suprimentos à caixa social, que vencerão o juro da taxa do desconto do Banco de Portu-

desta comarca, no prazo de 15 dias, a contar do dia da adjudicação dos prédios, devendo os arrematantes, dentro deste prazo, entrarem com o restante preço da arrematação, na Tesouraria da Santa Casa, assim como o pagamento, por inteiro, da sisa na respectiva Tesouraria de Finanças, no prazo estipulado.

Braga, 12 de Janeiro de 1948.

O SECRETÁRIO, SERVINDO DE PROVIDOR,

Francisco António da Cruz.

gal, nunca sendo considerados como suprimentos, pois que nem sequer vencem juros, os saldos que existem em conta corrente, ficando expressamente convençãoado que por suprimentos só serão considerados os valores que ao passivo da sociedade sejam levados sob esta própria designação, debitados aos sócios com o seu expresso consentimento ou pelos mesmos entregues à caixa sob aquela condição.

5.º

A gerência, sem remuneração e com dispensa de caução, fica afecta a ambos os sócios que entre si dividirão os serviços, podendo prescindir dessa divisão, se assim o entenderem; o expediente e documentos, qualquer que seja a sua natureza, podem ser assinados apenas por um dos sócios, no impedimento do que tiver a direcção a seu cargo.

6.º

Os balanços serão fechados em trinta e um de Dezembro de cada ano e os lucros verificados dividir-se-ão pela forma seguinte:

- cinco por cento para o fundo de reserva legal;
- o restante para ser repartido pelos sócios na proporção das suas quotas; devendo em igual proporção serem suportadas as perdas, se as houver.

Parágrafo único

Outros fundos poderão criar-se ou extinguir-se conforme mais convenha à sociedade; assim como o movimento do dinheiro e respectivos fundos de reserva serão realizados conforme as circunstâncias e movimento da sociedade o aconselhem, não importando que se façam ou não depósitos de qualquer espécie.

7.º

E' livre entre os sócios a cessão e divisão de quotas; para estranhos fica dependente do consentimento da sociedade.

8.º

Falecendo ou ficando interdito algum dos sócios os seus herdeiros ou representante legal poderão, se quiserem, ficar na sociedade com os mesmos direitos e obrigações do sócio falecido ou interdito, devendo os herdeiros ser representados por um só à sua escolha mas que seja varão.

9.º

As assembleias gerais serão convocadas por cartas registadas dirigidas aos sócios com a antecedência nunca inferior a oito dias.

10.º

Em tudo o mais, não expressamente previsto, regularão as disposições legais aplicáveis e especialmente as da lei de onze de Abril de mil novecentos e um.

Secretaria Notarial de Guimarães, 2 de Janeiro de 1948.

O Ajudante da Secretaria Notarial,

Martinho da Silva.

VENDE-SE

Cota de Fábrica de Tecidos, em laboração, no Concelho de Guimarães. Informa-se nesta redacção

JOSÉ FERREIRA BOTELHO & C.ª, LIMITADA

Rua do Mousinho da Silveira, 140-1.º

PORTO

BATATAS DE SEMENTE

Nacionais Certificadas

Classe B - Calibre mixto

ARRAN BANNER } Sacos de 50 quilos, 180\$00
ARRAN CONSUL }
UP-TO-DATE }

De Origem Dinamarquesa

ALMA } Sacos de 50 quilos, 185\$00
BINTJE }
UP-TO-DATE }

De Origem Holandesa

BINTJE } Sacos de 50 quilos, 185\$00
EIGENHEIMER }
RECORD }
EESTERLING }
BEVELANDER }

Façam os seus pedidos para entrega imediata ao seu Agente em Guimarães

PEDRO DA SILVA FREITAS

"CHAFARICA,"

11, RUA DE SANTO ANTÓNIO, 13

Telefone. 4221

Telegr. PERFEITAS

ADUBOS QUÍMICOS ORGÂNICOS - TRIUNFANTE.

FRANCISCO JOAQUIM DE FREITAS & GENRO

CASA CHAFARICA

(REGISTADA)

Largo do Tournal, 70 a 73 — Telefone. 4306 — GUIMARÃES

Anexo: ARMAZÉM DE MERCEARIA de Francisco Pereira da Silva Quintas

CORRESPONDENTES de:

Banco Borges & Irmão, Banco Burnay, Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Banco Lisboa & Açores, Banco Pinto & Sotto-Mayor, Banco Português do Atlântico, Banco Regional de Aveiro, Credit Franco-Português, Piano Pereira & C.ª — Banqueiros.

DEPOSITARIOS de:

Companhia Portuguesa de Tabacos, A Tabaqueira, Fósforos, Companhia — Presidente, Produtos "Shell", Sociedade de Produtos Lácteos.

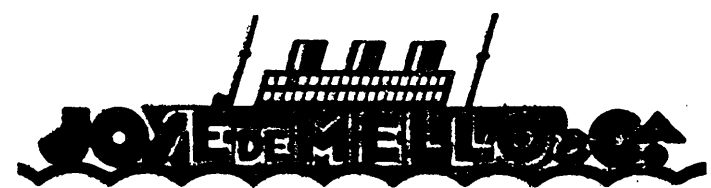
Vinhos Borges e Lotaria do Banco Borges & Irmão.

Recebem-se encomendas para fornecimento de SULFATO, ADUBOS e ENXOFRE, da CUF, que serão executadas na sua totalidade e aos preços oficiais.

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

CAMIONAGEM

Transportes de Carga e Mudanças
BARCAGENS e Despachos
AGENTES TRANSITÁRIOS



Casa fundada em 1882

RUA NOVA DA ALFANDEGA N.º 67

PORTO

Telefones 21078 e 21074
e Estado 57

CORREIO
Apartado 12

ELIAS DA COSTA ADVOGADOS

Largo da Oliveira n.º 15
Largo João Franco n.º 12

DESAPARECEU

No dia 9/10/47, uma cadela coelheira que dá pelo nome de violeta, de pelagem amarela, pertencente a José Gonçalves, do lugar de S. Roque — Costa — o qual procede a todo o tempo contra quem a retiver. 745

José Rodrigues Ferreira

HORTICULTOR

Casa da Lomba — Cabouco — Coimbra

Encarrega-se da plantação de oliveiras com todos os requisitos da nova técnica, assim como todas as plantas de fruto.

Pode ser procurado em Guimarães, na PENSÃO LOPES, à «Porta da Vila». 705

José Pelayo e Silva

Solicitador encartado

Escritório: Largo do Tournal, 52-1.º

— GUIMARÃES —

Vende-se

Uma encarrota de 60 fusos. Informa-se na nossa Redacção. 710

Guarda-Livros

Oferece-se, novo, activo e habilitado para comércio ou indústria de razoável movimento, ou ajudante para grande empresa. 730

Dá todas as referências que sejam necessárias.

Explicações

Dão-se explicações para o 1.º Ciclo do Liceu e para todos os anos do curso comercial.

Informa-se na nossa Redacção. 709